

## NACIONALISMO ECONÔMICO NA CONSTITUINTE (1934)

*Discurso na Assembleia Nacional Constituinte, ao defender a renegociação da dívida. Rio de Janeiro, 21 de abril de 1934<sup>1</sup>*

(...) Senhor presidente, senhores constituintes. Vim arrastando-me até esta tribuna porque, preso à minha casa por imposição médica e quase impossibilitado materialmente de me locomover, fui surpreendido, quando ali ouvia a irradiação dos debates desta assembleia, com a declaração de um nobre deputado – cujo nome eu não ouvira e que, pelas simples palavras, não poderia identificar – declaração feita neste recinto e, portanto, ao país e ao mundo, dada a repercussão universal que têm certas afirmações, de que, após a exposição que eu fizera sobre a situação dos empréstimos brasileiros no exterior, em aceitando a investidura de embaixador nos Estados Unidos, era corrente que eu iria àquele grande país negociar a soberania do Brasil com o seu capitalismo, de sacola aberta, a implorar os 30 dinheiros de outrem, os recursos de que carecia o governo provisório ou a nação brasileira para cobrir os esbanjamentos e as gastarias que seriam características dessa época.

Confesso-vos, senhor presidente, confesso-vos, senhores deputados, que a impossibilidade material a que estava chumbado desapareceu, como no curso desta minha curta e intensa vida tem

---

1 Aranha: 1934f.

desaparecido, toda a vez que sou conclamado à defesa da minha honra ou do meu país.

*(Muito bem. Palmas).*

O senhor Acyr Medeiros – Não ataquei a honra de vossa excelência O que afirmei foi que, nos tempos passados, se andava de sacola, de porta em porta, a mendigar empréstimo.

O senhor ministro Oswaldo Aranha – Ao chegar a esta casa, fui informado de que o orador que fizera tal afirmação fora a nobre representante das classes proprietárias, senhor Acyr Medeiros, o qual, segundo suas declarações, não trouxera a esta tribuna uma consideração própria e pessoal, mas coisa mais grave, versão que corria, ligeira e extensa, através dos círculos operários brasileiros.

Se o simples fato de ouvir tais palavras não me tivesse arrancado de minha casa para aqui, a afirmação de que isso corria, com sentido de verdade, nas propalações quotidianas da vida operária, seria motivo para que eu me levantasse e viesse a dar a todos vós e ao meu país as mais amplas e mais largas explicações. Então, sim, começaria eu a acreditar nessa voz, que por vezes tem ecoado, com tristeza para mim, na Assembleia, de que o Brasil está falido, de que o Brasil está perdido, de que o Brasil não se pode salvar.

Porque os países não começam a sua decadência pela falta de recursos financeiros, nem por crises econômicas, mas pela depressão do seu caráter e pela imoralidade com que, no julgar, no agir e no viver, se conduzem os homens de todas as classes.

*(Muito bem. Palmas.)*

Senhor presidente, quando vim a esta casa e tive a oportunidade de expor, com quanta serenidade me foi possível e com quanta clareza procurei por nos fatos e nos números, a citação das dívidas externas brasileiras, afirmei que o Brasil, até hoje, havia vivido de um expediente financeiro condenável, qual o de pagar empréstimos

com outros empréstimos, arrastando o país e, sobretudo, o povo brasileiro, a uma condição tal que já hoje, por motivos próprios, e por motivos de ordem geral, não seria possível suportar, por inteiro, a carga desses acúmulos de operações malfadadas do capitalismo internacional, dominando as necessidades brasileiras (*muito bem*) e que, por isso, eu tinha a coragem de propor, como propus, e o governo provisório de decretar, como decretou, a redução justa, equitativa, como está reconhecido por todos, dos pagamentos dos juros e das amortizações das nossas dívidas. (*Muito bem*). Assim procedendo, não posso, nem poderia nunca ser suspeitado de, num dado instante, colocar o meu país ao serviço ou debaixo das exigências ou ainda sob as imposições autoritárias e dominadoras daqueles que, senhores do dinheiro do mundo, em dado momento fizeram um empréstimo ao Brasil.

Se, portanto, essa versão corre, se essa suposição existe, se alguém alinha essa grave injúria, não a mim, mas ao meu país, contra ela se levanta a realidade criada pelo governo provisório, com a alta coragem, e, sobretudo, com o alto sentido das possibilidades nacionais e dos deveres dos que foram emprestadores do Brasil.

O senhor Lacerda Pinot – O gesto de vossa excelência está revivendo os tempos gloriosos do Império, no regime parlamentarista. (...)

O senhor ministro Oswaldo Aranha – Senhor presidente, senhores deputados. Confesso-vos, dentro das linha gerais a que tenho obedecido na minha humilde atividade pública, que, ao invés de experimentar amarguras por estes debates, eles me parecem salutares e, sejam quais forem os órgãos que transmitam o pensamento por aí espalhado, só trazem oportunidade para largas discussões, em que a verdade se estabelece e a história se faz processada à luz da consciência e da liberdade dos cidadãos. (...)

Eu, por mim, respondo em concreto, ao nobre deputado, declarando a sua excelência e a esta Câmara que ninguém talvez – e nisso não quero procurar popularidade, que sempre desprezei, mas reafirmar, em palavras, traços e atos de minha vida pública – ninguém como eu talvez reconheça e proclame que, em verdade, dentro do atual regime econômico e financeiro, as nações caminham para o abismo e que não é possível que prossiga a humanidade nos seus destinos, dentro dessa norma brutal que revogou todas as aspirações liberais, enquadrando-as na exploração grosseira do homem pelo homem.

*(Muito bem).*

O senhor Zoroastro Gouvêa – Através da concentração capitalista.

O senhor ministro Oswaldo Aranha – Estou entre aqueles que acreditam não ser possível entregar a sorte econômica de um povo ao predomínio dos trustes, dos monopólios e do supercapitalismo industrial. *(Apoiados)*. Estou entre aqueles que entendem que esse regime, dando o governo a mais ampla liberdade à intercorrência das atividades humanas, arrastará fatalmente os demais povos, como já tem arrastado alguns, a esse drama de que estamos sendo contemporâneos, e que tem desmantelado mais do que todas as conquistas anteriores, a ordem social.

Não vou, porém, tão longe quanto o ilustre deputado querendo subverter a ordem natural das coisas humanas *(muito bem)*, a evolução fatal, irrevogável e irreprimível dos povos, convencido como estou que o Brasil, pela inteligência de sua raça, pela grandeza de seu território, pela imensidade de seus recursos naturais, há de forçosamente, com a lição dos demais povos, caminhar, dentro do próprio movimento adquirido, para um sistema econômico mais perfeito, onde haja melhor organização da produção e mais equitativa distribuição das riquezas. *(Apoiados)*. Assim, não temos

necessidade de investir contra a constituição da nossa família, nem de apagar as tradições da nossa estrutura política e muito menos negar as glórias do passado do Brasil.

*(Muito bem. Palmas)*

(...)

Se o país, de fato, está ameaçado de ruína, mais do que nunca devemos reunir todos (*muito bem*) para chegarmos a uma conclusão positiva, da qual surja, dentro da Constituição, um regime que efetivamente tire da mentalidade das gerações que hão de vir e da nossa própria, a amaldiçoada ideia de que o Brasil se apequena e se diminui, quando a realidade é que ele cresce, a despeito dos homens e dos governos.

*(Muito bem. Palmas)*

(...)

Não tenhamos a atitude beatífica dos que tudo esperam de Deus, convencidos de que Deus é brasileiro; mas, ao contrário, ponhamos o pulso, o braço, os ombros, o coração no organizar, no constitucionalizar, no salvar o Brasil!

*(Muito bem! Muito bem. Palmas. O orador é vivamente cumprimentado.)*